

# Dylan Thomas – A força que do pavio verde inflama a flor

A força que do pavio verde inflama a flor  
Inflama a minha idade verde; que rói as raízes das árvores  
É a que me destrói.  
E mudo eu sou pra dizer à rosa curva  
Que à minha juventude encurva a mesma febre de inverno.

A força que através das rochas move a água  
Move o meu sangue rubro; que seca os rios vociferantes  
Torna em cera os meus rios.  
E mudo eu sou para gritar às minhas veias  
Que é a mesma boca a sorver a fonte da montanha.

A mão que faz girar a água no charco  
Acorda a areia movediça; que amarra o sopro do vento,  
Me arma a vela e a mortalha.  
E mudo eu sou pra dizer ao enforcado  
Que a minha argila e a do carrasco são a mesma argila.  
O tempo com seus lábios suga as minhas fontes;  
O amor goteja e coalha mas o sangue caído  
Calmará suas chagas.  
E mudo eu sou pra dizer ao vento como o tempo  
Pulsou um céu em torno das estrelas.

E mudo eu sou pra dizer ao túmulo da amante  
Que, curvo, em meus lençóis, se arrasta o mesmo verme.

**Dylan Thomas, Poesia da recusa**